

Apetites sensitivos e comportamento humano

Sensitive appetites and human behavior

Willian Kalinowski¹

Resumo

Neste artigo, examinaremos brevemente o influxo das paixões, enquanto atos do apetite sensitivo, sobre o comportamento humano segundo o enfoque aristotélico-tomista. Abrangendo o modo pelo qual esse papel se exerce, bem como os meios de que dispomos para adequar essa influência, o texto conclui ressaltando o papel da *pedagogia perennis* tomista na consecução desse objetivo.

Palavras-chave

Paixões, comportamento, Psicologia Tomista, vontade.

Abstract

In this article, we will briefly examine the influence of passions, as acts of the sensitive appetite, on human behavior according to the Aristotelian-Thomistic approach. Covering the way in which this role is exercised, as well as the means we have to adapt this influence, the text concludes by highlighting the role of Thomistic *perennis pedagogy* in achieving this objective.

Keywords

Passions, behavior, Thomistic Psychology, will.

¹ Willian Kalinowski é professor do Instituto de Psicologia Tomista desde 2023, foi professor visitante na Faculdade Vicentina de Curitiba de 2023 a 2024 e professor de cursos livres na escola São Francisco de Assis, em Pelotas (RS), de 2018 a 2022. É doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (2020- 2021) e graduado em Filosofia pela mesma universidade (2016-2019). É também fundador da Confraria São Tomás (2022 - 2025), fundador da Sociedade Tomista para o estudo da Filosofia (2025), membro pesquisador da Sociedade Brasileira para o Estudo da Filosofia Medieval, pesquisador no Grupo de Pesquisa Santo Tomás de Aquino cadastrado no CNPQ, membro do Grupo de Estudos de Filosofia Medieval na Universidade Federal de Pelotas, editor assistente da Revista Seara Filosófica de 2022 a 2023, editor assistente da Revista Thomistica - Revista da Pós-graduação em Filosofia Tomista na Faculdade Vicentina, membro do Conselho Científico do Instituto De Anima desde 2023, bolsista do Capes desde 2022 e autor do livro "O intelecto e as virtudes intelectuais em Santo Tomás de Aquino". O presente artigo foi apresentado no 3º Congresso Aristotélico-Tomista de Psicologia em maio de 2025 e está sendo publicado nesta revista com autorização do autor. E-mail: prof.williankalinowski@gmail.com e sociedadetomista@gmail.com

Introdução

Como é de observação geral, o agir humano obedece a um constante princípio: conduzido pelas paixões, o ser humano é movido; mas ordenando a paixão, o homem se move, pois tem vontade livre. A vontade (*voluntas*) pode se impor sobre o movimento do desejo (*desiderium*) e ordená-lo em função dela e da inteligência. Se o intelecto e a razão conhecerem um bem superior ao bem que os sentidos conhecem, a vontade, iluminada pelo intelecto, pode querer e eleger este bem - o bem do intelecto - e deixar de lado o bem sensível. Desse modo, pondo as paixões em ordem àquilo que é melhor segundo o intelecto e a vontade, seu comportamento será pautado pela harmonia que deve haver entre suas potências para funcionarem bem, fazendo com que as paixões se ordenem conforme a reta razão.

Neste artigo, analisaremos o papel do influxo que as paixões podem ter sobre o comportamento se forem bem ou mal ordenadas, facilitando o equilíbrio pessoal e a interação social, no primeiro caso e dificultando-os, no segundo.

Os apetites sensitivos e seus atos

Para entendermos o que são as paixões e como funciona o seu dinamismo, precisamos lembrar algumas noções básicas da Psicologia Aristotélico-Tomista. Em seus livros sobre a metafísica, Aristóteles de Estagira (2005) ensinava que os seres do universo visível são dotados de matéria e forma, atos e potências. No caso do ser humano, o Estagirita chamava a forma de alma, e a matéria de corpo. Dentre os diversos gêneros de potências humanas, encontramos um que, no *De anima* (ARISTÓTELES, 2006), ele denominava potência apetitiva (*appetitus*), o qual tem por característica ser uma tendência ou inclinação para um bem ou rejeição de um mal, naturais ou apreendidos.

Como recorda Brennan (1930), a potência apetitiva pode ser subdividida em três níveis, conforme o nível de vida que se considere no ser humano. Assim, temos o apetite racional, que tem como ato os atos da vontade livre, o apetite sensitivo ou sensível, que tem como atos as paixões (ou emoções, na linguagem contemporânea) e o apetite natural, que tem como atos os relacionados com a vida vegetativa (nutrição, crescimento e reprodução).

O apetite racional e o sensitivo são inclinações que se seguem à apreensão de uma forma intencionalmente trazida para o sujeito cognoscente, isto é, são inclinações que se seguem ao conhecimento da forma de qualquer ente que seja objeto do conhecimento. Santo Tomás de Aquino, na *Summa Theologiae*² (I, q. 80, a. 1, resp.) explica-nos que: “O apetecer encontra-se nos entes dotados de conhecimento, mas de modo superior ao comum, que existe em todos os outros entes”. Por que isso se dá assim? Segue-se a resposta:

Assim como as formas existem, nos entes que têm conhecimento, de modo mais elevado que o das formas naturais; assim é necessário haja neles uma inclinação superior ao modo da inclinação natural, chamada apetite natural. E essa inclinação superior pertence à virtude apetitiva da alma, pela qual o animal pode apetecer as coisas que apreende, além daquelas às quais se inclina pela forma natural (ST, I, q. 80, a. 1, resp.).

² Doravante abreviada como ST. Adotamos aqui, como referência, a tradução da Suma Teológica realizada por Alexandre Correia (Campinas: Ecclesiae, 2016).

Pelo apetite natural, o ente apetece apenas o seu bem individual. Pelas demais potências apetitivas apeteçemos as perfeições dos outros, com a condição de serem apreendidas antes pelas potências cognoscitivas: “O característico do apetite, tanto sensitivo, como intelectual ou racional, é ser uma inclinação ou tendência que se segue ao conhecimento” (ECHAVARRÍA, 2021, p. 159). O apetite sensível é o apetite do bem (e consequente rejeição do mal) apreendido pelos sentidos externos (visão, audição, olfato, paladar e tato) e internos (sentido comum, imaginação, memória e cogitativa) e, dentre estes últimos, especialmente pela potência cogitativa.³ É o que se observa, por exemplo, quando nos deparamos com um saboroso alimento, ou quando nos vemos ameaçados por um perigo iminente.

O apetite racional, por sua vez, tem por objeto o bem universal, comum ou absoluto. Nisso se funda a distinção: “O objeto do apetite superior é o bem em sentido absoluto [...] mas o objeto do apetite inferior é a coisa útil, de algum modo, ao animal” (*De Veritate*, q. 25, a. 4, resp., trad. nossa). Essa é a razão pela qual uma pessoa pode sentir apetite sensível por um doce, um bem útil e singular, mas fazer um ato de vontade para não comê-lo, caso seja diabético, tendo em vista um bem universal ou absoluto da preservação da própria saúde.

O bem deleitável como motor do apetite sensível

Neste estudo nos interessa mais um destes apetites, isto é, o apetite sensitivo. Santo Tomás observa que ele dá origem a um movimento que se inclina aos bens, tanto convenientes, quanto inconvenientes, apreendidos pelos sentidos do corpo (ST, I, q. 81, a. 1; *De veritate*, q. 25). Os sentidos movem os apetites sensitivos a modo de motor, a saber, como diz Santo Tomás, como motor movido, enquanto que os sentidos são motor não movido. Este apetite sensível se divide em duas espécies, pois o bem sensível é duplo, o deleitável e o árduo:

<p>1) Apetite sensível concupiscível</p>	<p>Significa a inclinação do apetite ao bem deleitável considerado em si mesmo como útil para a conservação do animal.</p>
<p>2) Apetite sensível irascível</p>	<p>Significa a inclinação ao bem árduo ou difícil considerado como útil para a conservação do animal, mas, que carece de luta para ser alcançado.</p>

Comentando essa distinção, escreve Santo Tomás no *De malo*:

³ A este propósito, cumpre recordar uma objeção e uma resposta a esta objeção encontrada na *Summa Theologiae, prima secundae* (q. 9, a. 1): “O intelecto exerce para com a vontade a função de apresentar o apetecível, assim como a imaginação o apresenta ao apetite sensitivo. Ora, a esta, assim agindo, não move o apetite sensitivo; antes às vezes tratamos o imaginado como o que se nos mostra numa pintura, que não nos move, segundo diz Aristóteles. Logo, também o intelecto não move a vontade”. Segue a resposta de Santo Tomás: “Assim como a imaginação da forma, sem a apreciação do que é conveniente ou nocivo, não move o apetite sensitivo; assim também a apreensão do verdadeiro, sem a natureza de bem e de apetecível, não move o apetite intelectual, que é a vontade. Por onde, não é o intelecto especulativo que move, mas, sim, o prático, como diz Aristóteles”.

Algo possui o caráter de apetecível porque é deleitável para o sentido, e, segundo esta razão de bem, é objeto do concupiscível; mas algumas coisas possuem outro caráter de apetecível, porque possuem certa excelência imaginada pelo animal, de tal modo que possa repelir todas as coisas nocivas e fazer uso do próprio bem livremente; este bem se dá sem nenhum deleite do sentido, e, inclusive às vezes com alguma dor sensível, como quando o animal luta para vencer, e, segundo esse caráter de bem imaginado, se entende o objeto do irascível (*De malo*, q. 8, a. 3, resp).

Echavarría (2021) afirma que se deve entender “imaginado” em um sentido mais geral, que inclui o juízo da cogitativa.⁴ E isto está de acordo com o que temos refletido até aqui, pois é esta potência interna que julga o conveniente e o inconveniente na ordem sensível particular, e as paixões são movimentos conforme a conveniência ou a inconveniência sensível. Segundo Echavarría (2019), essa seria, inclusive, a tese principal da psicóloga tcheca Magda B. Arnold, conhecida como a fundadora da “psicologia apreciativa”:

As emoções, por sua vez, seriam fenômenos que abarcariam a totalidade do animal ou do ser humano e, portanto, supõem uma cognição mais elevada. Tampouco bastaria qualquer imagem ou conceito para ativar a emoção, pois há cognições neutras, que não despertam nenhum efeito emocional, como uma imagem qualquer, ou uma cognição abstrata, como um número, por exemplo. A cognição que ativa a emoção deve ser de natureza valorativa, ou seja, deve apreciar o que foi previamente percebido ou imaginado como um bem ou um mal para sujeito considerado globalmente e concretamente, *hic et nunc*. Esta cognição é designada por Arnold com palavras distintas: “juízo sensorial”, “estimação”, “avaliação”, “apreciação imediata ou intuitiva”, e estaria especialmente vinculada com o sistema límbico, que propõe que seja denominado, por causa de sua função, de “sistema estimativo”. Embora não mencione em sua obra principal, *Emoción y personalidad*, em outros escritos Arnold reconhece que essa avaliação corresponde ao que, em Santo Tomás, é a potência estimativa, no animal, e cogitativa, no homem. Este reconhecimento da atualidade da doutrina de Santo Tomás provavelmente foi influenciado pelas teorias anteriores de dois

⁴ Em outro artigo, escreve Echavarría (2019, tradução nossa): “Simplificando um pouco, a posição de Tomás de Aquino sustenta que as paixões são movimentos de potências afetivas designadas com o nome de “apetite sensitivo” que se divide em duas potências: o apetite concupiscível, que se dirige ao bem prazeroso, e o apetite irascível, que se dirige ao bem árduo. Estas paixões seriam ativadas por um juízo precedente, mas que não é do intelecto, mas sim da faculdade estimativa ou cogitativa (respectivamente no animal e no homem), que é uma potência cognitiva do juízo particular sensorial, essencialmente distinta da inteligência, que faz juízos de outra ordem (universais e necessários). A esta estimativa particular, segue-se um movimento tendencial que teria como sede o órgão do coração”. O papel da *vis estimativa* (que no homem se chama cogitativa) é tão importante como preâmbulo para as ações do animal que Santo Tomás também afirma: “Donde a potência imaginativa compete à alma sensível, segundo sua própria natureza, pois nela são conservadas as formas recebidas pelo sentido; mas a potência estimativa, pela qual o animal apreende as intenções não recebidas pelo sentido, como a amizade ou a inimizade, está presente na alma sensitiva enquanto participa de algo da razão. É, também, em virtude dessa estimativa que se diz que os animais têm certa prudência, como se evidencia no princípio da Metafísica, exemplificado pela ovelha, que foge do lobo apesar de nunca ter sentido sua inimizade” (*De Veritate*, q. 25, a. 1, resp.).

psicólogos católicos: Gemelli e Michotte (ECHAVARRÍA, 2019, p. 18).

Por isso, antes de tratarmos das paixões em si, é importante considerarmos que por meio destas duas potências, o homem se inclina a buscar aquilo que lhe seja conveniente e útil no que diz respeito à conservação do seu ser, incluindo aqui não só a conservação do seu corpo, como fazem os animais, mas, também aquilo que é útil para a atividade da sua forma, ou ato primeiro, dado que, como veremos adiante, no homem o apetite sensível necessita estar dirigido pela razão e pelo apetite superior, que é a vontade. E pode, de certo modo, ser educado, instruído e ordenado por ela.

Na pessoa humana - diferente do que acontece no animal - o *deleitável*, segundo o sentido, não está submetido e moderado pelo apetite natural de conservação do corpo e da vida fisiológica, mas, pode ser movido e imperado pela razão e pela vontade.⁵ Não de maneira despótica, mas, política, por meio de razões. Deste modo, é importante termos em mente que a influência da razão sobre as paixões não se exerce de modo despótico, mas político, ou seja, supõe que estas têm um espaço próprio e não são meros instrumentos inertes nas mãos da razão. Por causa disso, as paixões podem ser ativadas diretamente, antecedendo, assim, ao juízo da razão (paixões antecedentes ou primeiros movimentos da sensualidade), ou posteriormente ao juízo racional (ECHAVARRÍA, 2019).

Tendo isso por pressuposto, no início do *Tratado dos atos humanos*, na *Summa Theologiae*, Santo Tomás afirma que certos atos realizados pelos entes humanos são atos comuns entre o homem e o animal, e estes atos são os da potência apetitiva, chamada de apetite sensitivo. Estes atos ou movimentos também recebem o nome de paixões (*passionem*).⁶ Por serem atos do apetite sensitivo, pode-se dizer que as paixões da pessoa

⁵ Mondin (2024), em seu Dicionário, diz: “A sensualidade (o apetite concupiscível e irascível) nos animais é guiada exclusivamente pelo instinto, enquanto no homem é guiada quer pela razão (que lhe propõe bens, valores de ordem superior), quer pela vontade, que é soberana também com respeito aos impulsos da sensualidade”. Sobre isso escreve o Aquinate no *De Veritate* (q. 25, a. 5, resp.): “Todavia, as potências apetitivas inferiores, isto é, a irascível e a concupiscível, se sujeitam de três modos. Primeiro, da parte da própria razão. Com efeito, como a mesma coisa pode ser considerada sob diversas condições, pode tornar-se deleitável ou repulsiva; e assim, a razão põe, mediante a imaginação, à sensibilidade algo sob o aspecto de deleitável ou desagradável, segundo lhe parece. Deste modo a sensibilidade é movida à alegria ou à tristeza; por isso o Filósofo diz no livro I da Ética, que a razão persuade sempre para as melhores coisas. Segundo, da parte da vontade. Com efeito, nas potências ordenadas mutuamente e conexas, verifica-se que um movimento intenso sobre uma delas, sobretudo na superior, redundando em outra. Donde quando, por escolha, a vontade se move a algo de modo intenso, até mesmo o irascível e o concupiscível seguem o movimento da vontade. Donde se diz, no livro III do Sobre a alma, que o apetite move o apetite, ou seja, o superior move o inferior, assim como a esfera move a esfera dos corpos celestes. Terceiro, da parte da potência motora que executa. Assim como no exército a marcha para a guerra depende do comando do general, também a potência motora não move os membros senão sob o comando daquilo que em nós rege todo tipo de movimento que se faça nas potências inferiores, isto é, a razão. [...] E assim se evidencia que as potências concupiscível e a irascível se sujeitam à razão e igualmente à sensibilidade, embora o nome de sensibilidade pertença a essas potências, não enquanto participam da razão, mas enquanto pertencem à natureza da parte sensitiva. Donde não se diz propriamente que a sensibilidade esteja sujeita à razão, assim como se diz que estão as potências irascível e concupiscível”.

⁶ Em um sentido muito geral, Santo Tomás denomina paixão (*passio*) tudo o que seja uma recepção de uma forma ou qualidade. Nesse sentido, conhecer, amar ou alegrar-se são modos de padecer. Em um sentido mais restrito, padecer é receber, mas com alteração e supressão daquilo que se era antes, sobretudo quando aquilo que foi suprimido convinha à natureza ou ao desejo da coisa (neste sentido, aquele que está doente ou que sofre, padece). Além desses dois significados, podemos analisar as paixões como movimentos ou alterações do apetite sensível (*actus appetitus sensitivus*).

humana têm por sujeito o apetite sensitivo ou desejo (*desiderium*),⁷ isto é, são atos do homem por meio do apetite sensitivo.

Como se sabe disso? Pela análise do movimento. O ato da paixão é especificado pelo bem apreendido pelos sentidos, que é o bem deleitável. Por isso, o próprio das paixões é ser um movimento do apetite sensitivo causado pela imaginação ou cogitação do bem ou do mal sensível.

Como vimos antes, para haver uma paixão é necessário que haja um juízo da potência cogitativa relativo à bondade ou nocividade do objeto apreendido pelos sentidos: “assim como a imaginação da forma, sem a apreciação do que é conveniente ou nocivo, não move o apetite sensitivo” (*ST*, I-II, q. 9, resp. ad 2). Deste juízo se segue a apresentação ao apetite, e então, se o apetite se inclina ou se afasta do bem ou mal apresentado pela *cogitativa*, temos o ato da paixão.

Definição de paixão

Por isso, podemos definir as paixões como movimentos, sofrimentos, perturbações ou afetações do apetite sensível causados pela sensação, imaginação ou cogitação de um bem ou de um mal sensível. É isto que, citando Damasceno, nos ensina o Aquinate: “A paixão é um movimento da virtude apetitiva sensível provocado pela imaginação do bem ou do mal” (*ST*, I-II, q. 22, a. 3, *sed contra*).

Como ressalta Brennan (1930), além deste seu aspecto formal, as paixões também têm por característica, enquanto aspecto material, certa transmutação ou mudança corpórea, como acontece com o irado, que, ao encolerizar-se, fica com o rosto vermelho e quente, ou o homem muito alegre, com o coração acelerado.⁸

Echavarría (2021) assevera que as potências apetitivas da ordem sensitiva são potências orgânicas, como os sentidos, e seu ato se dá com transmutação no corpo. Por isso, pode-se distinguir nas paixões um aspecto formal, o movimento apetitivo, e um aspecto material, a mudança orgânica: “Nas paixões da alma é formal o próprio movimento da potência apetitiva, e material a mutação corporal: e ambas são proporcionadas” (*ST*, I-II, q. 44, a1, resp.).

Por isso, *as paixões são um certo movimento psicossomático*. A partir de um ponto de vista tomista, é evidente que as emoções são comuns a todos os seres humanos, ou seja, têm uma base natural.

⁷ “Como já dissemos, o nome de paixão implica que o paciente é atraído pela ação do agente. Ora, a alma é atraída para o objeto externo, mais pela virtude apetitiva que pela apreensiva. Pois por meio daquela põe-se em relação com as coisas mesmas tais como são, e por isso diz o Filósofo que o bem e o mal, objetos da potência apetitiva, estão nas coisas mesmas. A virtude apreensiva, porém, não é atraída para as coisas em si mesmas, mas as conhece pelas espécies delas, que tem em si ou recebe conforme o modo que lhe é próprio; por isso, no mesmo lugar, diz Aristóteles que a verdade e a falsidade, que pertencem à inteligência, não estão nas coisas, mas na mente. Por onde claramente se vê que a paixão em si mesma reside mais na parte apetitiva que na apreensiva” (*ST*, I-II, q. 22, a. 2, resp.).

⁸ “Todas as paixões da alma aumentam ou diminuem o movimento natural do coração, acelerando ou retardando-lhe a sístole ou a diástole; e isto manifesta a essência de paixão” (*ST*, I-II, q. 25, a. 2, resp. ad 2).

As paixões, em si, não são nem boas, nem más

O movimento passional, em si mesmo, é neutro, isto é, nem bom, nem mau para a integridade do ente em que ele se manifesta. Ele poderá se tornar bom ou mau se estiver coerente ou incoerente com o bem apreendido pela razão. É o que podemos observar na vida de todos os dias: uma mesma paixão, como a audácia, por exemplo, poderá ser boa quando leva um indivíduo a organizar uma montadora de veículos, e poderá ser má se ele utiliza um desses veículos em velocidades acima dos limites permitidos pelas leis do trânsito. Escreve Santo Tomás:

As paixões da alma podem considerar-se em dois pontos de vista: em si e enquanto caem sob o império da razão e da vontade. Em si consideradas e como uns movimentos do apetite irracional, não são susceptíveis de bem nem de mal moral, que dependem da razão, como já dissemos. São, porém, susceptíveis de bem ou de mal moral, enquanto caem sob o império da razão e da vontade (ST, I-II, q. 25, a. 1, resp).

O Aquinate ensina, portanto, que a pessoa humana, por ser racional e ter vontade livre, pode ordenar o movimento das paixões (ou emoções) conforme aquilo que a razão lhe mostra como adequado ao seu ser individual, e ao da ordem do universo.

Tipos de paixões

Na *prima secundae* da *Summa Theologiae* Santo Tomás realiza um extenso estudo sobre as paixões. O Aquinate enumera 11 paixões diferentes.

Ora, nos movimentos da parte apetitiva, o bem tem uma quase virtude atrativa, e o mal, repulsiva. Por onde, aquele causa primeiramente na potência apetitiva uma certa inclinação ou aptitude ou conaturalidade para si mesmo, e isto pertence à paixão do amor, ao qual por contrariedade, corresponde o ódio, por parte do mal. Em segundo lugar, o bem amado ainda não possuído causa o movimento para ser conseguido, o que pertence à paixão do desejo ou da concupiscência, e por contrariedade e quanto ao mal, a fuga ou a aversão. Terceiro, obtido o bem, o apetite produz um como repouso no bem possuído, o que respeita à deleitação ou alegria a que se opõe, do lado do mal, a dor ou a tristeza. As paixões do apetite irascível, porém, já pressupõem, a aptitude ou inclinação a buscar o bem ou a evitar o mal, próprias do concupiscível, que visa o bem e o mal absolutamente. Assim, em relação ao bem ainda não possuído, temos a esperança e o desespero; em relação ao mal presente, o temor e a audácia. Relativa, porém, ao bem não possuído, não há no irascível nenhuma paixão, porque, não existe nesse caso a ideia de árduo, como já dissemos; mas a paixão da ira resulta do mal presente. Por onde é claro que há três pares de paixões no concupiscível: amor e ódio, desejo e aversão, alegria e tristeza. Semelhantemente, há três no irascível: esperança e desespero, temor e audácia, e a ira, à qual nenhuma paixão se opõe. Logo, são onze ao todo as paixões especificamente diferentes: seis do concupiscível e cinco do irascível. E estas abrangem todas as paixões da alma (ST, I-II, q. 23, a. 4, resp.).

Observamos aqui que Santo Tomás expõe as paixões segundo a ordem da execução e não segundo a ordem da intenção, pois, se assim o fizéssemos, a ordem mudaria.⁹ Desse modo, são seis as paixões do apetite concupiscível, que têm por objeto o bem apreendido pelos sentidos, o qual é de *fácil* obtenção e *deleitável* em si mesmo:

Amor, que se dá quando há certa proporção ou complacência entre o apetite e o objeto, é a primeira das paixões; *ódio*, que se dá quando acontece o contrário do amor, ou seja, uma inadequação do apetite com o objeto.

Desejo, que é a paixão que se segue ao amor; é nesta paixão que se dá o real apetite do objeto amado. *Repulsa*, que é o apetite de afastamento do objeto inconveniente.

Alegria, que é a posse do bem amado e desejado; e *tristeza*, que é a posse do objeto inconveniente odiado e não desejado.

E são cinco as paixões do apetite irascível, que tem por objeto o *bem árduo e difícil* de ser alcançado:

Esperança, que é a inclinação ao bem difícil futuro, mas que é julgado como alcançável; *desespero*, que é a inclinação ao bem difícil futuro, mas que é julgado como difícil ou impossível de ser alcançado.

Audácia, que é a inclinação a combater um mal futuro difícil de ser evitado, mas, considerado como vencível; *temor* ou *medo*, que é certa inclinação de fuga ou afastamento do mal futuro difícil de ser evitado, mas, que é considerado como não vencível.

E *ira*, única paixão que não possui contrário, que é a inclinação ou tendência a combater um mal difícil e injusto.

Todas as paixões do apetite irascível começam no concupiscível, vão para o irascível e voltam para o concupiscível.¹⁰ Vejamos o exemplo: após um longo dia de trabalho braçal, um indivíduo é acordado de madrugada pelo ronco de sua esposa. Por ser acordado, ele é privado de um bem deleitável, que é o descanso do seu corpo. Ora, segundo a experiência e a sensação, isso é um mal, um mal difícil de ser combatido, mas que pode ser combatido e deve ser combatido para que ele possa dormir. Portanto, ele acorda sua esposa, orienta-a como evitar o ronco e obtém o resultado. Obtido este, ele se alegra.

Esse simples exemplo, permite-nos fazer algumas considerações. Percebemos que a posse desse mal sensível deu origem a algumas paixões no indivíduo em questão, como o ódio, pelo inconveniente para o seu sono, a aversão, pelo ímpeto de afastar-se ou afastar o mal, a audácia e a ira, para combater e vencer o mal e, por fim, após tê-lo expulsado, a alegria ou gozo. Fica claro, portanto, que as paixões do apetite irascível, especialmente a ira, desembocam ou retornam ao gozo do deleite de poder dormir, isso gera a alegria. Tudo o que se faz na ordem das paixões é para ter a posse do deleite sensível, isto é,

⁹ A ordem das paixões entre si pode se fundamentar na distinção entre 1) o concupiscível e o irascível, ou 2) entre as paixões que têm por objeto o bem desejável e aquelas que têm por objeto o mal rejeitável. Ou ainda, 3) entre aquelas que são primeiras na execução (que é a ordem que é apresentada) ou aquelas que são primeiras na intenção, como por exemplo, a alegria, que é primeira na intenção, pois se ama porque se quer gozar e depois se executa.

¹⁰ Eis como o explica Santo Tomás: “As paixões do concupiscível abrangem um domínio mais vasto que as do irascível, pois há nelas algo relativo ao movimento, como o desejo, e algo relativo ao repouso, como a alegria e a tristeza; ao passo que as do irascível nada têm de relativo ao repouso, mas só ao movimento. E a razão é que, aquilo em que repousamos nada contém de difícil ou árduo, que é o objeto do irascível” (ST, I-II, q. 24, a. 1, resp.).

alcançar aqueles bens que são agradáveis ou evitar os males desagradáveis. Em última instância, o que move o apetite sensível para buscar o bem ou se afastar do mal é o deleite propiciado aos sentidos. Deseja-se o bem, não pelo bem em si, mas pelo deleite que o bem pode oferecer. O comportamento dos animais brutos se reduz a essa dinâmica, mas, a dos entes humanos não.

Arrastado pelas paixões, o animal irracional é movido por elas; mas ordenando as paixões, o ser humano move-se a si mesmo, pois tem vontade livre. A vontade (voluntas) pode se impor sobre o movimento do desejo (desiderium) e ordená-lo para ela. Se o intelecto e a razão conhecerem um bem superior ao bem que os sentidos conhecem, a vontade, iluminada pelo intelecto, pode querer e eleger este bem - o bem do intelecto - e deixar de lado o bem sensível,¹¹ pondo, desse modo, as paixões em ordem àquilo que é melhor segundo o intelecto e a vontade.

Como no exemplo acima, podemos pensar que o indivíduo, mesmo com ira, poderia ter sofrido esse mal pacientemente, pois, sua inteligência lhe mostraria que sua esposa também havia trabalhado o dia todo, ou que estava doente, etc. A paixão, neste ato, estaria ordenada conforme o conselho da reta razão, colocando-se na esfera do ato humano, que é fazer o intelectivo-volitivo. A paixão está relacionada ao agir humano, mas, como veremos agora, na pessoa equilibrada, ela não é o fundamento do agir.¹²

Harmonia das potências apetitivas e equilíbrio mental

A existência das paixões ou emoções é um fato ineludível. Negá-lo seria fechar os olhos para um fato incontestável da realidade. Como a observação dessa mesma realidade revela, elas podem favorecer ou prejudicar o comportamento humano. De acordo com a concepção aristotélico-tomista, elas o favorecerão quando estiverem ordenadas em conformidade com aquilo que a razão identifique com o bem, harmonizando-se, portanto, com as deliberações da vontade. Para que elas não se submetam à vontade, é preciso, portanto, também um ato da vontade, pois quando o homem cede às paixões, de certo modo, cede porque quer. Isto é, o apetite racional, ou vontade, consente naquilo que deseja o apetite sensitivo, contrariando a harmonia que deve existir entre essas potências para favorecer o comportamento.

Como observa Cavalcanti Neto (2017, p. 26): “Da preponderância, portanto, da ditadura dos impulsos emocionais sobre as diretrizes racionais da cognição advém, muitas vezes, a perda do controle emocional.” Por essa razão, enquanto passível de ordenamento racional, as paixões podem ser fonte de hábitos adequados, levando em conta o fato de que estes são adquiridos a partir do reto ordenamento das paixões pelo intelecto e pela vontade. E como o equilíbrio emocional importa no adequado governo do comportamento individual e social, convém moderar o influxo das paixões em conformidade com o intelecto e a vontade.

¹¹ A partir disso, devemos considerar que, como ensina Ramírez (1972), dentre os atos feitos pelo homem, não se encontram apenas os atos voluntários, mas também os atos do apetite sensitivo, isto é, as paixões ou emoções. Em outros termos, o ente humano pode agir deixando-se mover não apenas pelo apetite racional, ou vontade, mas também pelo apetite do bem deleitável aos sentidos. Contudo, agindo assim, somente pelo bem deleitável e sem ordená-lo à razão, o indivíduo agiria de maneira passional, como os animais irracionais. Pois estes também podem apetecer o bem sensível, mas nunca o bem da razão.

¹² Essa ideia é oposta àquela proposta por autores como David Hume e Jean Jacques Rousseau, por exemplo. Para esses autores, embora devamos levar em conta suas diferenças, as paixões são o fundamento do agir e do fazer humanos.

Cavalcanti Neto (2017, p. 26) acrescenta que: “A consequência lógica é a adoção de um processo metódico de educação da inteligência e da vontade, aliada a um processo análogo, ainda que indireto, em relação ao apetite sensitivo, para prevenir tal descontrole, e mesmo aperfeiçoar o autodomínio”. Como ordenar isso? Santo Tomás irá responder essa pergunta ao estudar os hábitos, em particular os que ele denomina de temperança e fortaleza (ST, I, q. 95, a. 3, resp. ad 1).

Segundo Echavarría (2021), as paixões podem ter sua origem no corpo ou na alma. Se tiverem origem no corpo, elas são mais paixões animais que psíquicas, como quando temos raiva porque algo nos causou desconforto físico, ou seja, a mobilização das paixões tem origem no corpo. Mas, se tiverem sua origem no intelecto ou na vontade, elas são mais psíquicas que animais. Cabe notar que toda paixão realiza certo influxo no corpo, mas, nem todas têm origem no corpo. Quando têm origem psíquica, decorrem, portanto, de um erro do intelecto ou da fraqueza da vontade.

Apesar disso, as paixões ou seus movimentos nem sempre são consequência ou causa de debilidades. Segundo Santo Tomás, elas podem até mesmo auxiliar a vontade (ST, I-II, q. 25, a. 2, resp. ad 3). Por exemplo, um pai de família precisará de paixões como a ira e a audácia para defender sua esposa e seus filhos de um assaltante que está tentando invadir sua casa. Neste caso, a paixão da ira contribui para o hábito da fortaleza e está sob o governo desta última. Por isso, não se trata de não ter paixões, até porque elas são próprias da natureza humana, mas, trata-se de ordená-las, de modo a favorecerem o equilíbrio no comportamento humano, uma vez que este, como ensina Santo Tomás, “não elimina totalmente as paixões, mas as ordena; pois, como diz Aristóteles, é próprio do homem sóbrio desejar como deve e o que deve (ST, I, q. 95, a. 2, resp ad 3).

A este propósito, o Aquinate escreve, em dois momentos distintos, na *Summa Theologiae*:

Em nós o apetite sensível, onde se radicam as paixões, não se sujeita totalmente à razão; e por isso as nossas paixões previnem, umas vezes, e impedem o juízo da razão e, outras vezes, resultam desse juízo quando o apetite sensível obedece de algum modo à razão (ST, I, q. 95, resp.).

Ora, para obrarmos bem é necessário levarmos em conta não só o que façamos, mais ainda como o façamos: i. é, devemos obrar segundo uma eleição reta e não só pelo ímpeto ou pela paixão. Ora, como a eleição visa os meios, a sua retitude exige dois elementos: o fim devido e o que convenientemente se lhe ordena. Ora, ao fim devido o homem se dispõe convenientemente pela virtude, que aperfeiçoa a parte apetitiva da alma, cujo objeto é o bem e o fim (ST, I-II, q. 57, a. 5, resp).

Conclusão

Em vista do exposto, podemos concluir que a adequada harmonia no dinamismo apetitivo do ente humano, entre sua vontade e suas emoções, é um fator indispensável para a consecução do seu equilíbrio mental, para a adequação do seu comportamento individual e social, para sua felicidade, enfim.

A potência apetitiva sensitiva, e seus respectivos atos, ou seja, as paixões, funcionam adequadamente quando subordinadas ao intelecto e ao apetite racional, isto é, a vontade. Trata-se de uma característica da natureza humana e não de uma regra especulativa ou apriorística. Os exemplos da vida cotidiana, sobretudo quando não se

observa essa harmonia apetitiva, falam com a força dos argumentos fáticos: quantos lares destruídos, quantas amizades desfeitas, quantas carreiras profissionais e acadêmicas prejudicadas, quantas situações financeiras arruinadas porque se permitiu que as emoções suplantassem a razão e subjugassem o livre-arbítrio!

Como assinala Martinez (2002), as paixões possuem, portanto, um lugar central dentro da *pedagogia perennis* de Santo Tomás de Aquino: como elas fazem parte da natureza humana, também devem fazer parte de todo processo educativo propriamente dito. A estruturação e o desenvolvimento deste processo com base nos aportes tomistas sobre as emoções é um tema candente que convida e requer um esforço colaborativo de todos os que se dedicam ao estudo dos ensinamentos do Aquinate.

Referências

ARISTÓTELES. *De anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

ARISTÓTELES. *Metafísica*: ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução para o Português de Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

BRENNAN, R. *Psicologia Tomista*. Madrid: Javier Maratá, 1930.

CAVALCANTI NETO, L. H. *Temas de Psicologia Tomista*. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2017.

ECHAVARRÍA, M. F. Las teorías psicológicas de las emociones frente a Tomás de Aquino. In: BONINO, S-T.; MAZZOTA, G. *Le emozioni secondo San Tommaso*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2019, p. 47-81.

ECHAVARRÍA, M. F. *A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: CDB, 2021.

KALINOWSKI, W. As três definições de alma segundo a psicologia de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino. *Revista Sapientia*, v. 20, 2024, p. 171 - 208.

KALINOWSKI, W. *O intelecto e as virtudes intelectuais especulativas em Santo Tomás de Aquino*. Campinas: Contra Errores, 2023.

MARTÍNEZ, Enrique. *Persona y educación en Santo Tomás de Aquino*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 2002.

MONDIN, B. *Dicionário enciclopédico do pensamento de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Loyola, 2023.

RAMÍREZ, S. *De Actibus Humanis*, in I-II Summae Theologiae Divi Thomae expositio (QQ. VI-XXI). Editio praeparata a Victorino Rodriguez, O.P. Madrid, 1972.

TOMÁS DE AQUINO. *Sobre o mal (Quaestiones disputatae de malo)*. Tradução Carlos A. Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. *Questiones disputatae de Veritate*. Disponível em: <https://www.corpusthomicum.org/iopera.html#QD>. Acesso em: 13 mai. 2025.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.